

ANÁLISE DA MORTALIDADE POR SÍFILIS CONGÊNITA NO BRASIL (2019-2023): UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE AS FALHAS NO PROCESSO DIAGNÓSTICO

Fernando Gonçalves da Silva Petronio¹; Lisa Valenciano Bortolozo¹; Isabel Cristina de Oliveira Pires¹; Maria Paula Vitalino Faria da Silva¹; Juliana Ferreira Marcandelli¹; Clarissa Domingos Aguiar¹; Laura Oliveira Furlan¹; Giovanna Braga Ferreira¹; Rafael Trevisan Ribeiro Clapis Ferreira¹; Carolina Mitsue Soares Assato¹; Camila Marcondes de Oliveira².

1- Discente da Universidade de Marília, Marília, São Paulo.

2- Professora da Universidade de Marília, Marília, São Paulo.

INTRODUÇÃO: A sífilis congênita é um agravo evitável, mas ainda prevalente, que compromete seriamente a saúde neonatal. A ocorrência de óbitos relacionados à infecção sinaliza falhas no pré-natal, no rastreio diagnóstico e na terapêutica adequada. Monitorar o perfil dessas mortes é essencial para subsidiar políticas públicas efetivas. **OBJETIVO(S):** Analisar o perfil epidemiológico da mortalidade por sífilis congênita no Brasil entre 2019 e 2023, com base em variáveis sociodemográficas e geográficas. **METODOLOGIA:** Trata-se de um estudo epidemiológico, retrospectivo e descritivo, com dados do DATASUS. Incluíram-se todos os óbitos por sífilis congênita registrados entre janeiro de 2019 e dezembro de 2023. As variáveis analisadas foram: região e UF de residência, sexo, idade ao óbito, etnia e local de ocorrência. Os dados foram organizados em planilhas e tratados por estatísticas descritivas. **RESULTADOS:** Foram registrados 996 óbitos por sífilis congênita em todo o território nacional. A maior concentração ocorreu nas regiões Sudeste (38,4%) e Nordeste (27,0%), com destaque para os estados do Rio de Janeiro (18,4%) e São Paulo (12,1%). O ano de 2022 concentrou a maior proporção dos casos (21,7%). Houve predomínio de óbitos em recém-nascidos com até 6 dias de vida (64,2%) e de 7 a 27 dias (18,0%), totalizando mais de 818 mortes em menores de 30 dias. Observou-se maior frequência no sexo masculino (54,5%) e entre crianças pardas (61,6%), seguidas pelas brancas (25,3%). A maioria dos óbitos (97,8%) ocorreu em estabelecimentos de saúde. **DISCUSSÃO:** Os dados evidenciam desigualdades regionais e falhas na assistência materno-infantil. A mortalidade neonatal precoce reforça a hipótese de rastreio e tratamento materno inadequados, especialmente em áreas vulneráveis. **CONCLUSÕES:** A mortalidade por sífilis congênita revela deficiências no cuidado pré-natal e na vigilância. Investimentos em rastreio precoce, ampliação do acesso e capacitação são indispensáveis para mudar esse cenário. **PALAVRAS-CHAVE:** Sífilis Congênita; Mortalidade Infantil; Vigilância Epidemiológica; Desigualdades em Saúde; Saúde Neonatal.